

EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO AGRÍCOLA ESTADUAL DE UMUARAMA

Magali Vedovotto da Silva Scanavacca¹;

Cecília Maria Ghendini².

RESUMO

O presente relato é parte de uma pesquisa que discutiu a Educação do Campo, em especial a proposta educacional do CAEU - Colégio Agrícola Estadual de Umuarama, analisando suas práticas pedagógicas e efeitos sociais, bem como suas propostas e estratégias, sendo o texto resultado de pesquisas bibliográficas e de campo. O Colégio Agrícola Estadual de Umuarama enquadra-se como Escola do Campo sendo, assim, possível a utilização desta instituição de ensino como base para observações e pesquisas, possibilitando o conhecimento da realidade acerca organização escolar e do trabalho docente em escola do campo. A abordagem deste estudo apoiou-se nas questões atuais de discussão e construção de um projeto de Educação do campo, e desenvolveu-se a partir do conhecimento da realidade e das experiências concretas vivenciadas dentro do Colégio Agrícola Estadual de Umuarama, onde tivemos a oportunidade de vivenciar os temas discutidos durante o curso de Especialização de Educação do Campo, bem como fazer um comparativo com a realidade do ensino e os conteúdos aprendidos. Assim, pudemos nos aproximar de uma realidade profissional mais concreta. Consideramos que esta experiência foi de fundamental importância para nossa formação e compreensão desta realidade do ensino.

Palavras-chave: Educação do campo, práticas educativas, formação técnica.

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Cruzeiro do Oeste, e-mail: mvedovoto@hotmail.com.

² Educadora Orientadora, UFPR-Litoral.

1. CONTEXTO

1.1. Contexto do sujeito da Pesquisa

Ser educador hoje em dia é um desafio, ser educador do campo é um desafio ainda maior, porém muito gratificante. Credo nisso, tive grande interesse ao saber do curso especialização em Educação do Campo, no pólo de Cruzeiro do Oeste.

Meus avós foram produtores rurais, viveram no campo, meu pai é Engenheiro Agrônomo. Sendo assim, sempre convivi com a realidade do campo, tive primos que estudaram em escolas rurais que muito chamaram minha atenção. Formei-me em Letras e fui morar no município de Lucas do Rio Verde – MT, onde tive a oportunidade de atuar como professora de Língua Portuguesa em escolas estaduais e privadas, ministrando aulas para muitos alunos que viviam no campo, mas estudavam em escolas urbanas. Neste contexto, pude notar a importância de educação do campo para esses sujeitos. Ainda participei de um projeto de produção de texto com alunos de uma escola situada dentro de uma aldeia indígena.

Para que haja qualidade de ensino nas escolas do campo, é indispensável a capacitação dos professores que irão atuar nesta área. Neste curso de especialização, foi possível comprovar quantos conhecimentos são essenciais para que um educador possa trabalhar com os sujeitos do campo de forma adequada. Considerando que nunca atuei nessa modalidade de ensino, a pesquisa realizada agregou ainda mais conhecimento e capacitação, acreditando que ser educadora do campo requer comprometimento, metodologias dinâmicas, conhecimento da realidade, identificar-se com o meio e os sujeitos.

1.2. O contexto da pesquisa

O presente trabalho iniciou-se a partir do interesse e curiosidade construídos durante o contato com as questões relacionadas à Educação do Campo, à terra e aos seus sujeitos. Considerando que chegamos ao módulo final do curso de Especialização em Educação do Campo, nos deparamos com a necessidade de

vivenciar e relatar um breve estudo sobre alguns conteúdos aprendidos durante o referido curso. Como não estava diretamente envolvida com a educação no momento, buscamos desenvolver este trabalho de pesquisa crendo ser uma excelente oportunidade de conhecermos uma experiência em Educação do campo.

Sendo assim, procuramos nos informar sobre a existência de uma escola do campo em nosso município, encontramos o Colégio Agrícola Estadual, enquadrado como Escola do Campo, onde realizamos nossas pesquisas.

Acreditamos na suma importância dessa experiência para apreensão os conteúdos estudados, visto que poderemos contextualizar a maioria dos temas apresentados durante o curso. Sabemos que para aprender algo, é de profunda importância a união de dois elementos: a teoria do que está sendo conhecido e suas aplicações práticas. É uma oportunidade de tirarmos as dúvidas ou aumentá-las.

Objetivamos neste trabalho conhecer e explorar todo o contexto acerca do Colégio Agrícola Estadual de Umuarama. Portanto, a pesquisa ao longo de seu desenvolvimento visa:

- comparar os conteúdos estudados com a realidade escolar do campo;
- executar uma ação que favorece nosso poder de avaliação crítica do contexto do trabalho do educador do campo, visto que é a área em que escolhemos para atuar;
- promover a interação do aluno de especialização de Educação do Campo com um ambiente de trabalho que possui características pertinentes a sua formação, abrindo novos caminhos para construção de um ensino de qualidade;
- demonstrar que o CAEU promove um processo educacional que abrange não só características urbanas e/ou profissionalizantes, mas também questões pertinentes à realidade rural dos seus alunos, possibilitando a promoção de perspectivas futuras e conservação de suas identidades pessoais;

A proposta deste trabalho baseia-se na educação distinta para o campo apresentada pelo curso de Especialização em Educação do Campo em seus módulos e a realidade do ensino em escolas do campo, especialmente inserida no Colégio Agrícola Estadual de Umuarama.

Ao discutirmos acerca de Educação do Campo, encontramos com diversos problemas apresentados por diversas instituições de pesquisa, dentre eles podemos citar a dificuldade de acesso à educação e as precárias condições de funcionamento dos estabelecimentos escolares.

Através de uma retrospectiva histórica, pudemos conhecer as primeiras dificuldades do município em relação ao ensino do campo. Como resultado do empenho de vários segmentos da sociedade de Umuarama que, há 10 anos, através de colaborações voluntárias, conseguiu adquirir um terreno. Este foi doado ao município de Umuarama e posteriormente ao Governo Federal que através do MEC, construiu a infra-estrutura necessária. Parte das instalações onde funciona o Colégio Agrícola está sendo utilizada pela extensão da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Campus de Umuarama, através dos Cursos de Medicina Veterinária e Agronomia, o que não impede o bom funcionamento do curso agrícola.

Diante do desenvolvimento regional, do intenso debate sobre os impactos sócio-ambientais que as novas tecnologias impõem ao campo, justifica-se a implantação do Curso Técnico em Agropecuária, pelos benefícios que proporciona à sociedade e a todo Noroeste do Paraná, lembrando que o ensino promovido pelo Colégio Agrícola não abrange apenas as características de um curso técnico profissionalizante, mas também questões pertinentes à realidade rural dos alunos, proporcionando esperanças futuras e manutenção da identidade social.

O curso Técnico em Agropecuária busca a formação de profissionais capacitados para a atuação específica em auxílio a produtores rurais, evitando o êxodo rural, aumentando a produtividade, reduzindo custos, visando a melhoria econômica e qualidade de vida de produtores rurais.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A metodologia utilizada para desenvolver este objeto foi a de pesquisa e observação, sendo assim possível conhecer boa parte de um universo de ensino,

seu espaço e aspirações. Uma experiência que nos permitiu entrar na realidade da educação do campo para melhor compreendê-la e interpretá-la.

O espaço de investigação da pesquisa foi o Colégio Agrícola Estadual de Umuarama, mantido pela SEED-Pr. O colégio está localizado na Estrada da Paca, s/n, Zona Rural, município de Umuarama-Pr.

Envolveu professores, alunos, o diretor, pedagoga e a secretária. Os dados referenciados da análise foram coletados em diferentes visitas ao colégio. Iniciamos a pesquisa no mês de fevereiro/2011 e finalizamos no final do mês de abril/2011. As visitas permitiram um levantamento de dados relacionados aos temas pertinentes à Educação do Campo, especialmente aos trabalhados durante o curso de Especialização, através de pesquisas de campo, acesso e análise de documentos, contato e interação com os sujeitos envolvidos na instituição escolar.

Inicialmente, através do Núcleo Regional de Educação de Umuarama, identificamos a existência do Colégio Agrícola Estadual que enquadra-se como Escola do Campo, fornecendo ensino profissionalizante, a nível médio, através do curso Técnico em Agropecuária. A partir daí, nos dirigimos ao colégio para apresentação da pesquisa, onde fomos muito bem recebidos por professores que estavam presentes no momento. Definimos o roteiro das observações e todos se colocaram à disposição para colaboração com a pesquisa. Conhecemos diversas aulas em diferentes ambientes, houve a possibilidade de acesso a documentos necessários à pesquisa, como o projeto político-pedagógico do colégio, plano de ensino de docentes, horário de aulas e calendário anual.

Num segundo momento, pudemos interagir com uma professora que estava com tempo disponível, ela nos forneceu novas informações e disponibilizou o Plano de ensino da sua disciplina. Também foi possível conhecer alguns alunos.

Posteriormente, fomos atendidos pela pedagoga do colégio, Prof^a Celma, que nos falou sobre o cotidiano dos alunos e professores. Acrescentou que há uma certa rotatividade de professores, devido a distância do colégio. Além disso, alguns professores também não se adaptam a realidade escolar diferente, onde os alunos

estudam em período integral, tornando-se necessário que o professor prepare aulas motivadoras, diante de um possível cansaço por parte dos alunos.

As aulas iniciam-se às 07h30m e terminam às 17h30m, com intervalos para lanche e almoço. O colégio fornece todas as refeições aos alunos - café da manhã, almoço e café da tarde - para isso, conta com uma cozinha equipada e um refeitório.

O calendário escolar não é diferenciado por ser tratar de escola do campo, segue-se o mesmo calendário das escolas estaduais do município de Umuarama.

Finalmente, visitamos uma aula de campo, em que os alunos estavam na Horta acompanhados pelo Diretor de UDP, Prof. Ricardo Teixeira, que apresentou as áreas práticas e os recursos disponíveis. Em mais uma visita, colhemos mais alguns dados para finalização da pesquisa junto à Secretaria do CAEU. Além das visitas presenciais ao colégio, também trocamos informações via telefone e e-mails.

Lembramos que os dados apresentados não revelam a realidade em seu todo, mas parcialmente. Não sendo possível que o presente estudo possa compreender a real totalidade do objeto pesquisado. André (1995, p.77) acrescenta que “qualquer análise da escola centrada num único elemento do todo pedagógico vai se apresentar inevitavelmente incompleta, faltosa, inacabada”. A verdadeira realidade de uma instituição de ensino é muito mais ampla, construída a partir de relações do cotidiano dos professores, alunos, conhecimentos, não podendo, portanto, correr o risco de limitá-la.

Apesar da parcialidade das observações, elas foram de fundamental importância, agregando muitos conhecimentos, valores, novos interesses. E, para melhor compreensão, organizamos a estrutura do trabalho em três tópicos que expressam o desenvolvimento da experiência. No primeiro tópico, apresentamos o conceito educação rural e o processo do seu desenvolvimento no contexto brasileiro. No segundo tópico mostramos o espaço escolar investigado e seus atores, descrevendo a estrutura física do colégio, sua gestão e o perfil dos docentes e discentes. E, por fim, no terceiro relatamos as práticas pedagógicas implementadas, a organização e o espaço das aulas.

2.1. Breve Histórico da Educação do Campo

O Estado brasileiro por muito tempo não se interessou em dar escola às populações rurais, politicamente fragilizadas. E tentou justificar-se em falsas ideologias, como afirma Whitaker (1992) que o descaso para com a educação rural é geralmente colocado quando se diz que as famílias rurais não valorizam a escola colocando seus filhos para trabalhar ao invés de estudar.

A educação voltada aos sujeitos do campo no Brasil vem de um duro e perturbado processo histórico, econômico, social e cultural. Além da escola do campo surgir tardiamente, durante muito tempo não foram formuladas diretrizes políticas e pedagógicas específicas, nem recursos financeiros disponibilizados para sua criação e manutenção. Segundo Calazans (1993), no final do século XIX ocorrem insignificantes iniciativas para o desenvolvimento da educação rural, somente a partir da década de 1930 e, mais especificamente das décadas de 1950 e 1960 que começa a se delinear a educação rural no país.

Finalmente, nos últimos anos, devido às pressões dos movimentos sociais, inicia-se a construção de um novo modelo pedagógico que leva em consideração as características e necessidades próprias do aluno do campo. Em 2002, são aprovadas as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, dando início ao resgate de uma dívida com esse setor.

As escolas do campo, infelizmente, continuam a enfrentar graves problemas, visto que não são recentes e nem surgiram repentinamente. Vários estudos comprovam que a qualidade ensino é afetada por muitos fatores, como: falta de condições físicas, recursos precários, falta de qualificação dos docentes, difícil acesso e, principalmente, descaso por parte do Estado. Apesar de haver uma atenção maior com a qualidade de ensino nas escolas do campo, é preciso que este novo modelo de educação do campo saia do papel e venha para a prática, para se tornar mais justa, contextualizada e atenta ao seu público.

2.2. O Espaço investigado e seus atores

O Colégio Agrícola Estadual de Umuarama oferece Ensino Médio Profissionalizante, com duração de três anos, atuando em uma área de 07 alqueires. A instituição escolar, através do Curso Técnico em Agropecuária, cumpre a sua responsabilidade de repassar os conhecimentos historicamente acumulados, visa atender os anseios da comunidade através da execução de várias atividades, como pesquisa e extensão em parceria com vários órgãos como: UEM, EMATER, IAPAR, SANEPAR, IAP, SEAB, Prefeituras, Escolas, Cooperativas e outros.

O Estudo Nacional da Escola Rural revela que a maioria das escolas rurais possui infra-estrutura precária e poucos recursos, muitas não possuem biblioteca, nem computador, por exemplo. Felizmente, esta não é a realidade do colégio em questão, apesar da necessidade de melhorias. O Colégio Agrícola Estadual de Umuarama possui três salas de aula, sala de professores, cozinha, refeitório, sala de coordenação pedagógica, direção, secretaria. Conta com os seguintes recursos: biblioteca, laboratório de informática, TV pendrive, micro-ônibus para transporte em aulas práticas, tratores e implementos agrícolas, e a UDP – Unidade Didático-Produtiva – para as aulas práticas.



Figura 1. Laboratório de Informática

Estudamos que na educação do campo é de essencial importância que os PPPs sejam construídos democraticamente e coletivamente. No colégio agrícola, a organização do trabalho pedagógico, que compreende todas as atividades teórico-práticas desenvolvidas, fundamenta-se em uma organização democrática, com

participação e co-responsabilidade da comunidade escolar na tomada de decisões coletivas, para elaboração, implementação e acompanhamento do Projeto Político-Pedagógico. A gestão é democrática, e compreendem a escolha do(a) diretor(a) pela comunidade escolar, na conformidade da lei, e a constituição de um órgão máximo de gestão colegiada, o Conselho Escolar, que é regido por Estatuto próprio aprovado por 2/3 (dois terços) de seus integrantes. Todavia, a organização do trabalho pedagógico no colégio agrícola ainda está aperfeiçoando-se na construção de uma gestão democrática e participativa, onde procura-se o envolvimento de todo o colegiado no processo pedagógico.

O corpo docente é formado por 20 (vinte) professores, a maioria deles é efetivo e alguns em regime de contrato (PSS), tendo aqueles das disciplinas de Bases Nacionais Comuns e outros de Parte Específica, como Veterinários, Agrônomos e Zootecnistas. Verificamos que os professores que atuam no colégio agrícola procuram estar atualizados e capacitados, sendo que 02 deles estão cursando a Especialização Educação do Campo, não perdendo a oportunidade oferecida pela UAB/UFPR, mas ainda é um número baixo, sendo desejável que mais professores pudessem especializar-se em Educação do Campo ou afins.

O corpo discente é formado por três turmas de alunos que correspondem ao 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. No ano letivo de 2011, encontram-se 102 alunos matriculados no total. A turma do 1º ano é composta por 41 alunos, sendo 04 meninas e 37 meninos. No 2º ano, temos 31 alunos, sendo 07 meninas e 24 meninos; e no 3º ano temos 30 alunos, sendo 05 meninas e 25 meninos. A partir desses dados, percebemos que há um maior interesse pela educação do campo por parte dos jovens do sexo masculino, já que as meninas são minoria e representam apenas 16% dos alunos, porém a busca pelo curso por mulheres vem crescendo cada vez mais. A faixa etária é de 14 a 18 anos.

Os alunos passam por um processo seletivo para poderem ingressar no Colégio Agrícola. No mês de setembro de cada ano, publica-se um edital para dar início ao processo de seleção, visto que atualmente a demanda é muito maior do

que as vagas ofertadas. Em média, apenas 50% dos alunos que procuram por vagas no colégio podem ingressar, mas a direção espera que em breve haja uma ampliação a estrutura do colégio para que um número maior de alunos possa ser atendido. No processo de seleção, a preferência é por alunos filhos de agricultores.

Portanto, no corpo discente predomina alunos de origem rural, que vivem no campo e da agricultura familiar. Percebemos que os estudantes do primeiro ano chegam com uma visão ainda limitada, focalizando a vida urbana. Já os alunos do terceiro ano, em sua maioria, aparentam uma animação para produzir da forma em que foi aprendido no curso. Muitos pretendem cursar uma faculdade ao se formarem no curso de técnico agrícola e contam que a prática os coloca a um passo a frente. “Aqui nós aprendemos tudo na prática, aí saímos na frente”, comenta um aluno.

Os alunos apontaram que uma das dificuldades encontradas para frequentar o curso é a carga horária intensa (40 horas/aula semanais) em período integral, pois além do esforço intelectual pelos conteúdos, há também um desgaste físico muito grande. Outra dificuldade é o custo com o transporte, que é realizado pela empresa de transporte coletivo particular do município. Para os alunos que residem nos municípios vizinhos, a opção é a contratação coletiva de transporte. Nos dois casos, o custo é responsabilidade dos alunos, tornando-se um valor considerável para as famílias em questão, devido à falta de um internato.

2.3. As Práticas Pedagógicas

As práticas pedagógicas utilizadas no Colégio Agrícola em geral visam desenvolver nos jovens o amor pelo trabalho na terra e também trazer conhecimentos que ajude-os a enfrentar os desafios nos campos de produção, visto que trata-se também de um ensino profissionalizante. A matriz curricular é composta pelas disciplinas da Base Nacional Comum – BNC e da Parte Específica, desenvolve projetos de produção agropecuária vinculados aos conteúdos curriculares tendo como função servir como unidade didática para as aulas práticas.

O colégio não restringe sua atuação à sala de aula, com uma metodologia ensino-aprendizagem onde a relação teoria-prática é real, pretendendo formar sujeitos capazes de executar ações práticas com embasamento teórico e senso crítico. O currículo escolar implantado atende as necessidades e as expectativas da educação do campo, com aulas voltadas ao campo, cursos e palestras que motivam os jovens a terem perspectivas de vida no campo; como sujeitos sociais à frente de novas exigências, não só do mercado, como também da preservação do meio ambiente e na melhoria da qualidade de vida.

O projeto educacional da escola do campo deve ser compreendido a partir dos sujeitos que tem o campo com seu espaço de vida. Uma educação que deve ser no e do campo, buscando vencer o conceito do rural como um lugar de atraso, onde as pessoas não precisam estudar ou uma educação precária é suficiente.

A proposta do curso é de que os estudantes possam vivenciar os conceitos não apenas de forma teórica, mas também no cotidiano, desde os primeiros anos do curso. Pretende preparar jovens capazes de aplicar adequadamente os conhecimentos construídos nas situações vividas, criando alternativas para solucionar questões que se apresentam no dia-a-dia. As práticas educativas no Colégio Agrícola rompem a cena da sala de aula, promovendo uma aprendizagem que se dá em diferentes espaços físicos, com conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos.

O colégio conta com várias áreas e recursos para realização das aulas práticas. Segundo o diretor da UDP (Unidade Didático-Produtiva), Prof. Ricardo Teixeira, o total da área pertencente ao Colégio Agrícola para atividades práticas é de apenas 16 hectares, sendo insuficiente. Graças a parcerias com a EMATER, com o IAPAR e com a UEM, outras áreas são usadas coletivamente. O Diretor ressalta que estão sendo enviadas solicitações da ampliação das áreas do colégio e melhorias na estrutura física, esperando que possam ser atendidos em breve.

Os alunos participam das PA (Práticas em Agropecuária) com projeto em Animais e Vegetais, de Grandes Culturas (milho, feijão, entre outras). Os alunos

participam de aulas práticas acompanhados por professores e as turmas são divididas, alternando os espaços, na seguinte distribuição: alunos do primeiro ano trabalham com animais de pequeno porte (avicultura) e com a Horticultura Orgânica e Convencional; alunos do segundo ano com animais de médio porte (ovinocultura e suinocultura) e Fruticultura convencional e agroecológica (citros, figo, abacaxi, uva, acerola, goiaba, manga e café); e alunos do terceiro ano trabalham com animais de grande porte (bovinocultura) e a Silvicultura no Viveiro Florestal (produção de espécies nativas). Além disso, está em processo de implantação a área para aulas práticas de apicultura, sendo que 10 colméias já foram instaladas.



Figura 2. Viveiro de Essências Nativas



Figura 3. Horta Orgânica e Convencional



Figura 4. Fruticultura Agroecológica e convencional



Figura 5. Pequenos, médios, grandes animais

Além das aulas práticas, faz parte do currículo a participação dos alunos em estágios, para aprofundamento de conhecimento e experiências relativas à atividade produtiva. São atividades complementares ao conjunto de ações que caracterizam a formação técnica. Os estágios iniciam-se no segundo ano, orientados pela Prof^a Danila Zago, e supervisionados por profissionais da área. Estes podem ser realizados em empresas, cooperativas, associações, na propriedade rural ou até mesmo nas áreas práticas do colégio, fora do horário das aulas e com supervisão.

Segundo os alunos, as aulas práticas e estágios exigem que os alunos, literalmente, coloquem a mão na terra. “Aqui todo mundo tem que trabalhar, não importa se é homem ou mulher”, conta uma estudante.

3 CONSIDERAÇÕES

A escola do campo é uma ferramenta de luta dos seus sujeitos para a conquista de seus direitos de cidadãos, uma escola que vai além da escola da palavra e dos livros didáticos. A escola do campo pesquisada neste trabalho constrói uma ponte entre a formação e a produção, considera o universo dos seus alunos e alcança os povos do campo em seus contextos, ajudando-os a crescer técnico e culturalmente.

A infra-estrutura escolar é um dos componentes fundamental no resultado da qualidade da educação como um todo, especialmente em escolas do campo. E quando essa questão básica não é preenchida, ou mesmo deixada de lado, acarreta aos profissionais de educação limitações para realização do seu trabalho, deixando-os de “mãos atadas” para o efetivo exercício do ensino.

Sabemos que as escolas do campo quase em sua totalidade possuem infra-estrutura precária, faltam materiais básicos e de apoio, faltam recursos humanos. Felizmente, essa não é a realidade do Colégio Agrícola Estadual de Umuarama, possivelmente por se tratar de uma instituição que oferece curso profissionalizante e, principalmente, por haver parcerias com os cursos de Medicina Veterinária e

Agronomia, ofertados pela UEM, tornando a aprendizagem muito mais produtiva. A estrutura das áreas onde são realizadas as aulas práticas atende as necessidades que o aluno do campo precisa no desenvolvimento de seu potencial.

Evidentemente, espera-se que melhorias e ampliações necessárias ocorram. Embora existam fatores restritivos de ordem econômica, material e pessoal limitantes das práticas pedagógicas, estes não impedem a realização de atividades diferenciadas, criativas e que despertam a curiosidade dos alunos promovendo assim uma educação contextualizada, comprometida com as necessidades locais.

O colégio investigado, através do ensino integrado, garante não só a elevação da escolaridade, como também que o trabalho no campo seja entendido no âmbito da sociedade que ele se insere. O projeto educacional do curso técnico do colégio foi elaborado para que os alunos possam ter acesso à teoria e à prática sobre a agropecuária para que auxiliem seus pais e a comunidade em geral.

Dentre os resultados identificados, averiguou-se que a escola atende as necessidades e expectativas propostas nas dimensões analisadas pelo curso de especialização em Educação do Campo.

Concluimos, assim, que através da experiência e das observações vivenciadas no colégio agrícola, pudemos nos aproximar de uma realidade profissional mais concreta. Consideramos que esta experiência foi de fundamental importância para nossa formação e compreensão desta realidade do ensino. O trabalho prático se caracteriza como uma oportunidade em que as dúvidas afloram, como também as soluções antes não pensadas, nos conduziram ao contato direto com a área de trabalho e a uma revisão dos conteúdos estudados, além de apontar que precisamos de ainda mais estudos.

Sendo assim, finalizamos ressaltando a importância de haver uma formação de professores qualificados, capazes, tanto de entender as demandas apresentadas, quanto proporcionar meios necessários a implementação da escola do campo, na sua especificidade e por um novo trato do conhecimento e da organização da prática

pedagógica, compromissados com um projeto educativo que se volta para o campo e com interesse de levá-lo a diante, com qualidade e responsabilidade social.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1995.

BAPTISTA, F. M. C. **Educação Rural: das experiências a política pública**. Brasília: Editorial Abaré, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente/Saúde**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 1998.

BRASIL. MEC. **Referências para uma política nacional de educação do campo**. Caderno de Subsídios. Brasília. 2004.

CALAZANS, M. J. C. **Escola e educação do campo**. Campinas: Papyrus, 1993.

CALDART, S. R. **Educação do Campo: identidade e políticas Públicas**. Brasília, 2002.

CALDART, R. S. **Elementos para construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo**. In: MOLINA, M. C. & JESUS, S. M. S. A. (Orgs.). 2004. Por uma Educação do Campo: contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo. Brasília, Vol. 5. 2004.

DAMASCENO, M. N.; THERRIEN, J. **Educação e escola no campo**. Campinas: Papyrus, 1993.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/5579/4949>

LEITE, S. C. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

KOLLING, E. J.; NÉRY, I. F & MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma Educação Básica do Campo – Memória**, Coleção Por uma Educação Básica do Campo, Nº 1, Brasília, 1999.

PARANÁ. **Diretrizes curriculares da educação do campo**. Secretaria do Estado da Educação. Curitiba: SEED-PR, 2006.

WHITAKER, D. C. Andreatta. **O rural-urbano e a escola brasileira**. In Revista do Migrante, Ano V, Nº 12, 1992.